

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 7, Número 1, Jan.-Jun., 2018

AS MANIFESTAÇÕES DEMONÍACAS NA *TRIOLOGIA DA MALDIÇÃO*, DE JOSÉ ALCIDES PINTO



THE DEMONIAN MANIFESTATIONS IN THE *TRILOGIA DA MALDIÇÃO*, BY JOSÉ ALCIDES PINTO

Ana Tamires da Silva Oliveira
UFC, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 17/10/2017 • APROVADO EM 23/02/2018

Abstract

This article aims to present an analysis of the aspects that characterize the curse, demonic manifestations and the language used to construct the fictional space in the *Trilogia da Maldição* (1999) by Cearense writer José Alcides Pinto. This is a bibliographical and qualitative research based on studies of Baitalle (2000), Cousté (1997), Macedo (2012), Pardal (1999), Benjamin (1984), among others. Through this study, it was realized, that the dualism Divine/Diabolic is the trigger element of the narratives, where characters, being sinners, are punished by God and become Devil's hostages, all suffering of the same curse.



Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise dos aspectos que caracterizam a maldição, as manifestações demoníacas e a linguagem usada para construir o espaço ficcional na *Trilogia da Maldição* (1999) do escritor cearense José Alcides Pinto. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica e valor qualitativo, embasada nos estudos de Baitalle (2000), Cousté (1997), Macedo (2012), Pardal (1999), Benjamin (1984), entre outros. Através deste estudo, percebeu-se que o dualismo Divino/Diabólico é o elemento desencadeador das narrativas, onde os personagens, na condição de pecadores, são castigados por Deus e reféns do Diabo, padecendo todos da mesma maldição.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Curse. Demonic. Language. *Trilogia da Maldição*.

PALAVRAS CHAVE: Maldição. Demoniaco. Linguagem. *Trilogia da Maldição*.

Texto integral

Introdução

Este trabalho surgiu da necessidade de se obter uma análise conjunta das três obras da *Trilogia da Maldição* (*O Dragão*, *Os Verdes Abutres da Colina* e *João Pinto de Maria – Biografia de um Louco.*), focando nas temáticas do maldito e da parêntese Divino/Diabólico construídas nas obras através de recursos de linguagem, como a alegoria, bem como a implicação que essas alegorias têm na caracterização da atmosfera do espaço. Sendo relevante, portanto, para obter um “panorama” característico da escritura de José Alcides Pinto nestas obras.

A pesquisa está desenvolvida neste artigo numa perspectiva analítica e crítica. Está dividida em três seções, a primeira é intitulada de **A Origem da Maldição**, onde se observa que a maldição que assola os personagens de Alto dos Angicos de São Francisco do Estreito é fruto das transgressões das leis divinas. Na segunda seção **O Abandono de Deus e o Advento dos Demônios**, os personagens são castigados em razão de seus pecados, Deus os abandona e permite que os demônios se manifestem na aldeia sob diferentes formas para efetivar a maldição. A terceira seção, **Palavra: O Território da Maldição** traz o processo de construção alegórica do espaço ficcional de José Alcides Pinto, evidenciando a expressividade das suas escolhas estilísticas.

A partir da temática, subdividida no decorrer das seções, objetiva-se ainda que este estudo angarie valor qualitativo e seja importante para a valorização do autor no meio acadêmico, e que suas obras se tornem alvo de outras pesquisas extrapolando a disciplina de Literatura Cearense para ganhar visibilidade enquanto

grande escritor brasileiro que, ao longo das suas obras publicadas, revela traços de uma literatura universal.

A origem da maldição.

As narrativas da *Trilogia da Maldição* trazem na construção do seu espaço a ideia intrínseca do divino. Há neste mundo sobrenatural a regência de um Deus benevolente que propaga ventura àqueles que obedecem a seus mandamentos de conduta. A figura divina mencionada nas narrativas é o Deus cristão, que é onipresente, onipotente e onisciente.

José Alcides Pinto faz, nas suas obras, no que concerne aos dogmas de fé do cristianismo, constantes aproximações com as narrativas bíblicas. Desta forma, à semelhança do texto bíblico, no texto alcidiano Deus estabelecerá as condutas do bem viver. Paradoxalmente, também no *Catecismo da Igreja Católica* e na *Bíblia* o homem é revestido do que se chama de livre arbítrio, ou seja, suas decisões dizem respeito a sua própria pessoa, no entanto essa liberdade não é verdadeira, sendo o homem um “ser que depende de Deus” – segundo a doutrina cristã.

Desta forma, nas narrativas da trilogia, a ordem divina está sujeita a ser rompida, pois nem sempre as práticas dos personagens vão ao encontro da vontade do “Criador”, prática configurada como transgressão, trazendo à tona a caracterização do bem e do mal. Pois “[...] el mal y el bien se identifican en la última exasperación, son los dos elementos irreconciliables y perfectamente inseparables de la naturaleza humana” (Rafael Conte *in* BATAILLE, 1987, p. 08).¹

Através do pecado o elemento do maldito aparece como fator determinante para o curso das histórias, não sendo por simples acaso que a união das três obras foi nomeada de “Trilogia da Maldição”. A presença deste elemento sobrenatural faz com que a aldeia de Alto dos Angicos pareça estar sempre envolta em uma atmosfera caótica. A desestabilidade do espaço alcidiano se dá através da ruptura de regras divinas que o regem.

O autor compara diversas vezes a Aldeia de Alto dos Angicos de São Francisco do Estreito às cidades de Sodoma e Gomorra, destruídas por causa dos vícios e pecados dos seus moradores. Em Alto dos Angicos o fato bíblico parece se repetir, porque os personagens usufruindo do seu livre arbítrio estão sempre rompendo as regras do mundo divino, ficando sujeitos a padecerem dos castigos decorrentes de seus pecados. Como fica claro no seguinte trecho de *O Dragão*: “Deus havia lançado a sua maldição sobre aquelas paragens, tal qual Sodoma e Gomorra, como dissera padre Tibúrcio” (PINTO, 1999, p. 81).

Na sequência da leitura há em *Os Verdes Abutres da Colina*, a confirmação da atmosfera caótica do espaço: “A aldeia de Alto dos Angicos de São Francisco do Estreito tornou-se num reino mitológico ou numa coisa parecida com o inferno” (Ibid., p.180). É nesta perspectiva de “inferno” que os demônios se estabelecem nas narrativas.

Padre Tibúrcio, o personagem encarregado da inserção da mensagem divina, acaba por fazer revelações surpreendentes em relação ao povoado, como essa: “[...] antes, mil vezes antes, houvesse seguido os conselhos do bispo de Sobral, o de jamais botar os pés nas terras da ribeira do Acaraú – terras amaldiçoadas [...]” (Ibid., p. 256). Apesar de estar no povoado como a representação de Deus, Padre Tibúrcio reconhece a estranheza dos acontecimentos e a transgressão dos moradores, e apesar de seus esforços para salvar seus fiéis, se mostra muitas vezes vencido. Como aparece no trecho abaixo:

Gastei minha mocidade neste lugarejo. E vejo que foi um tempo perdido. Joguei as sementes do amor, da Virtude, da Perseverança sobre estas paragens, estas almas, cômico de que um dia obteria o fruto de meus esforços. No tempo da colheita vejo (como naquela parábola de Jesus) o joio sufocando o trigo. Fiz o que pude. Dei meu tempo, minha mocidade, minha esperança (Ibid., p. 102).

O desabafo do padre em leito de morte é forte e emblemático, pois se pode inferir que as desgraças nunca se apartarão daquela localidade. Em *João Pinto de Maria – Biografia de um Louco* há também essa percepção da aldeia, contribuindo para o sentimento de fracasso do padre: “O que havia no Alto dos Angicos jamais seria desvendado. O estirão de terras, que ia do Morro da Rola às abas de serra do Mucuripe, parecia amaldiçoado” (Ibid., p. 309).

A maldição que se estende sobre a terra da região, falada no trecho acima, tem origem em um personagem símbolo, cuja existência é fundamental para o curso dos três romances, trata-se do personagem coronel Antônio José Nunes, que tem sua história narrada em detalhes em *Os Verdes Abutres da Colina*; como saiu de Portugal escondido no porão do navio e chegou a Santana do Acaraú se passando por louco para conseguir sobreviver na embarcação. É através desse personagem que a Aldeia é fundada, sendo ele o portador e iniciador do espaço alucinante desta aldeia.

Antônio José Nunes fundou na elevação de Alto dos Angicos a sua aldeia e este ficou sendo chamado o nome do lugar. Trabalhava dia e noite sozinho, com o auxílio da índia cativa [...] A índia era fecunda como uma coelha e dava filhos aos pares e, **como no começo do mundo, as terras da ribeira do Acaraú iam sendo povoadas, porque não havia diferença na reprodução da espécie entre pais e filhos irmãos e irmãs.** E em breve, uma geração enorme de machos e fêmeas, altos como fios de bananeira, bonitos e ágeis como animais selvagens, povoou a região [...] (Ibid., p. 158, *grifo nosso*).

Nesta perspectiva, o personagem alcidiano se assemelha ao personagem bíblico Adão, pois ambos se configuram como os primeiros a inserir o pecado em suas terras e produzirem uma descendência herdeira da morte. Adão come o fruto

da árvore do conhecimento, é expulso do Éden e destina-se à mortalidade. Em São Francisco do Estreito Antônio José Nunes é o primeiro transgressor das leis divinas, e responde pelo pecado da prática do incesto: “[...] havia coberto as suas próprias filhas, ou filhas de outras mulheres de suas filhas [...]” (Ibid., p. 168).

Tal fato se aproxima também do episódio bíblico da família de Ló (Gn, 9: 30-38), que estando fora de Sodoma e Gomorra, sozinhos em uma terra sem habitantes (semelhante à Alto dos Angicos) precisavam preservar sua descendência, partindo das filhas a decisão de engravidar de seu próprio pai.

O sexualismo que predomina no modo de ser do coronel, aparece na narrativa como inerente e necessário, mas totalmente natural porque assim como na história de Ló, as mulheres da narrativa alcidiana procuravam o coronel movidas por sua própria vontade. Como se observa nesse trecho de *Os Verdes Abutres da Colina*:

Como um touro reprodutor cobria as fêmeas que pisassem em suas terras, fossem elas quais fossem, viessem elas de onde viessem. Cor, tamanho, idade, parentesco, não importava. Sentia o cio das fêmeas no ar do tempo, por mais distante que elas se encontrassem. E ao primeiro impacto, a fêmea era logo saciada, e um rebento de sua raça era logo inoculado no útero. [...] era grande a avalanche de fêmeas que o procuravam e demasiada a geração disseminada no sangue da família [...] (PINTO, 1999, p. 154).

Há nas personagens femininas uma fascinação pelo personagem do coronel, chamado de “ganhão luso” pelo personagem de Padre Anastácio Frutuoso da Frota. As mulheres viviam possuídas de desejo, vinham de todas as localidades e adentravam as terras do coronel a fim de serem saciadas. Desta forma, o ato sexual passa a ter outro significado, deixando de ser uma necessidade da raça para ser um impulso erótico. Sendo assim, como diz Bataille, o erotismo: [...] não se trata mais da sexualidade benéfica “desejada por deus”, mas sim de maldição enorme. [...] O erotismo, em princípio estéril, representa o mal e o diabólico (1987, p. 215).

De início cabe ao coronel a “sexualidade benéfica”, porque obedece aos seus instintos como os outros animais, afinal “[...] de humano o coronel tinha o corpo e a patente, mas até seu modo de andar era o de um bruto, a maneira de assoar, bufando a todos os pulmões, e tanto assim o primitivo instinto de cobrir as fêmeas, de pé, em qualquer parte do campo em que as encontrasse” (PINTO, 1999, p.155). Às mulheres se destina o desejo erótico, razão pela qual se sentem ligadas (através do sexo) ao personagem do coronel, que deixa de ser o portador da sexualidade “benéfica” para cair na sexualidade diabólica, fazendo parte do erotismo feminino e em nome dos instintos cometendo incesto.

No texto bíblico há a advertência: “ninguém de vós se aproximará de uma parenta próxima para ter relações sexuais com ela [...]” (Lv, 18: 5). Mas o coronel não

respeitou essa lei e produziu uma “geração enorme”, fruto da transgressão. Há na *Bíblia*, de forma bem clara, a consequência das infrações contra as leis divinas:



Todas as maldições virão sobre ti, te perseguirão e te atingirão, até seres aniquilado, por não haveres obedecido a voz do SENHOR teu Deus, guardando os mandamentos e as leis que te prescreveu. **Serão para ti e tua descendência um sinal e um prodígio para sempre.** (Dt, 28: 45 46 e 59, *grifo nosso*).

Observa-se que o Deus retratado na trilogia é o mesmo do Antigo Testamento, como se percebe na citação acima, tanto nos romances alcidiano como na narrativa bíblica a divindade representa justiça, e reivindica fidelidade, representando destruição para os pecadores e edificação aos que permanecem íntegros na fé.

Retomando o contexto da obra o narrador revela que Antônio José Nunes, tem um pacto com o opositor de Deus, mas diz ainda que o Diabo está no corpo do coronel por meio da herança genética: “Se possuía o diabo no couro, como diziam, não lhe cabia a culpa, fora herança de seus antepassados, **passada no sangue da raça**” (PINTO, 1999, p. 168, *grifo nosso*). É exatamente essa descendência diabólica “passada no sangue da raça” que dá origem a personagens prodigiosos, sobrenaturais como traz o trecho bíblico. Fato que une de forma singular o pai e seus filhos.

O patriarca é a figura mais importante da aldeia e assume a característica de um eixo ao redor do qual a trama acontece. O coronel é, portanto, um fator de ordenação, partindo de suas mãos a prosperidade da comunidade aldeã. Se sua existência significa estabilidade, sua morte representa um colapso e o estabelecimento de uma crise na existência dos demais.

O episódio da morte do patriarca aparece acompanhado da revelação de que o diabo que vivia em seu corpo havia se libertado e se espalhara pela atmosfera o “ar do Tempo” da comunidade, despertando a maldição do sangue e o começo de sua ruína. Pois “Antes das próprias forças humanas prevaleciam outras forças desconhecidas – caprichos da natureza - que não se explicavam, como as tempestades de poeira, por exemplo, a presença dos verdes abutres da colina no povoado, sempre precedida de desgraças” (Ibid., p. 248).

Os caprichos da natureza, como sinônimos de desgraça, aparecem nos romances também por meio de enchentes e da seca, ambas como elementos malditos ou como castigos, sempre causando destruição e mortes. Nas cheias, os animais “morriam ilhados [...] e apodreciam no quadro das ruas, pois o rio chegava a entrar nas casas, e quando as águas recuavam deixavam os cadáveres inchados entalados nos becos, no patamar da igreja e por todos os lugares. [...] (Ibid., p. 166).

A seca aparece também como uma fonte de males. No período de longa estiagem se formou no céu uma nuvem de poeira que tomou todo o povoado e “[...] morreram crianças e velhos. Aves domésticas: galinhas, papagaios; algumas casas

desabaram, o sino badalava a toa, vibrando fortemente” (PINTO, 1999, p. 60). O próprio sol acaba sendo objeto alegórico de maldição, deixando de ser um elemento fundamental da vida para significar morte. Como se vê em *O Dragão*:

O SOL – um inchaço, um tumor rubro, prestes a explodir as suas brasas de sangue e enxofre no firmamento.

O SOL – o Diabo transfigurado numa bola gangrenada, queimando tudo, torrando a mente das criaturas, as próprias pedras.

O SOL – Lúcifer e seu inferno, único rei, único monarca, imperando poderoso sem qualquer interferência do sobrenatural.

O SOL – Feiticeiro, anátema, o gênio da morte, destruindo os seres, os objetos, o mundo, a vida (Ibid., p. 141).

São muitos os infortúnios que atingem Alto dos Angicos, por razão das transgressões cometidas, pois “[...] o povo do Alto precisava sofrer muito. O sofrimento redime, por ele corrigimos nossos erros, modificamos nossa norma de vida.” (Ibid, 1999, p. 61). Nesse constante dualismo entre “Pecado” e “Graça” coexistem Deus e o Diabo como entidades inseparáveis, mas que representam no espaço alcidiano um delicado equilíbrio entre suas forças.

O abandono de Deus e o advento dos demônios

Nas obras da trilogia há um dualismo evidente entre o bem e o mal, sendo representação do par Deus/Diabo, respectivamente. É relevante considerar que o bem e o mal em *O Dragão* e *Os Verdes Abutres da Colina*, são elementos que se substituem, para um existir o outro tem que desaparecer.

Em *João Pinto de Maria – Biografia de um louco* esse dualismo ocorrerá de forma diferente (analisado especificamente mais adiante), mas tendo o demoníaco como a força motriz desencadeadora dos episódios sobrenaturais das tramas. Pois segundo Floriano Martins; é possível identificar nas obras: “[...] os atributos do dualismo maldição/ santificação, a atração pelo demoníaco e os conflitos interiores de uma formação místico-religiosa. Em um, intrigante imobilidade. No outro, dinâmica conflituada [...]” (MARTINS, 1996, p.12).

O demoníaco só é elemento marcante nas narrativas por razão de um possível abandono de Deus. A figura divina abandona a aldeia, cedendo lugar ao (s) demônio(s) para que este cumpra o seu papel de causar desgraças, como pagamento dos inúmeros pecados, evidenciado nesse trecho de *Os Verdes abutres da Colina*: “[...] não havia mais dúvidas de que o criador deixara aquelas paragens a mercê dos demônios, como se as almas que existissem na aldeia estivessem marcadas com o estigma do diabo [...]” (1999, p. 167).

Abandono ou desejo de castigo, o fato é que o povoado acaba ficando a mercê das desgraças e maldições dos demônios, talvez o “criador” tenha permitido que os demônios dominassem a aldeia, como acontece também na narrativa bíblica do livro de Jó, pois:

A gente daquele povoado, como não se cansava de dizer o vigário, era indecente e imoral. Havia abusado da bondade divina. Uma geração inteira. Um século de pecados. Pecados capitais! Um século de surdez! Um século de intolerâncias! **Deus sentia-se ofendido, humilhado.** “Isso um dia vira Sodoma e Gomorra, magote de morrinhas!” Mas o povo fazia ouvido de mercador. Agora, a desgraça batia às portas, vinha cobrar o seu tributo. Nunca a gente do Alto fizera jus ao Bem (PINTO, 1999, p.87-88, *grifo nosso*).

A divindade para satisfazer seu desejo de vingança (castigo), sadismo ou por vaidade se retira do povoado destilando sua ira sobre os moradores ao permitir que os demônios se instalem no local, como bem se nota nesse trecho: “A ira do criador! Que terrível coração Ele possuía! Que espírito vingativo!” (Ibid., 1999, p. 87).

O advento do demônio na aldeia está revestido dos mesmos privilégios divinos, porque a entidade também parece ser onipresente, onisciente e onipotente. Deste modo, “[...] o Diabo, está em todas as partes e em nenhuma – acompanha-nos no sofrimento cotidiano, na indecisão da vigília, no lívido horror dos pesadelos” (COUSTÉ, 1996, p. 61).

Na vigência de sua onipotência nota-se as diversas formas que esses demônios assumiram, tendo o poder de como já citado mais acima, estar em vários lugares, agindo de diversas formas e sob vários aspectos, como se pudesse se metamorfosear. Ou seja, ser múltiplo para potencializar as desventuras dos personagens.

Sobre a presença demoníaca no espaço alcidiano da *Trilogia da Maldição*, Pardal (1999) afirma:

Tudo o que está ligado ao diabo, pelo que vimos, é sinônimo de destruição, de traição, enfim, de tudo o que está ligado ao mal. O diabo é uma entidade que tem na metamorfose sua principal característica. Isso implica que a sua identidade é, ao mesmo tempo, uma e nenhuma, [...] é primordialmente mimético e, por isso mesmo, essencialmente ambíguo. O diabo, por conta desse mimetismo, assume várias entidades, cuja corporificação modifica-se de acordo com o tempo e com a cultura de cada povo (p. 76).

Os personagens imersos neste espaço diabólico são tomados pelo feitiço maligno, sem poder fugir dele, mesmo que não acreditem na sua existência, como diz Baudelaire: “[...] é mais difícil para as pessoas deste século acreditar no diabo do

que amá-lo. Todo mundo o serve e ninguém acredita nele. Sublime sutileza do Diabo” (2011, p. 239).



Usando de sua sutileza o diabo aparece nas narrativas sob diversas identidades, formando uma rede envolta dos personagens da qual não podem sair, pois está dentro dele como superstição (dragão) e fora como componente do ambiente, sendo abutres e bodes, o vento e tempestades, sendo o próprio ar que ao ser absorvido pelos personagens, se transforma em loucura.

O dragão na história aparece como um ser mitológico portador de muitos significados, na *Trilogia da Maldição* mais precisamente no romance *O Dragão* essa figura mitológica ganha o contorno do sobrenatural, sendo por meio dele que se propagará o mal.

Todas as metamorfoses a que o diabo se submete, neste caso a de dragão, tem o caráter apocalíptico. Na narrativa bíblica este ser mitológico também aparece sendo atribuído ao demoníaco: “[...] o dragão lutou juntamente com os seus anjos, mas foi derrotado e perdeu o seu lugar no céu. Assim foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que é também chamado de Diabo e Satanás [...]” (Ap, 12: 7-9). E a sua “missão” é causar destruição para que o pecador seja exterminado. Como se observa no seguinte trecho:

Reza a lenda que o mundo vai se acabar pela Região Norte, isto é, pelo Ceará. Um dragão monstruoso teria sua morada num vale, na planura de léguas e léguas, sobre este vale, sobre seus recessos ásperos, edificar-se-ia uma cidade, cujos habitantes seriam plasmados sob o orgulho. [...] a maldição estaria sobre ela, como o ódio do criador sobre Sodoma e Gomorra, pois o dragão dormia sob seu solo, as asas dominando toda a planura [...] (PINTO, 1999, p.71).

Em *Os verdes Abutres da Colina*, o demônio assume a forma de abutres, estando presente desde a morte do coronel: “[...] o diabo os mandará vigiar o corpo do garanhão até se afundar na terra. [...] Ninguém mais poderia ter dúvidas que aquele estranho cortejo que vinha escurecendo o espaço fosse enviado pelo demônio” (Ibid., p. 164). Até a destruição do povoado no final do romance.

Em vários momentos das narrativas os abutres aparecem como o espírito maligno, efetivador da maldição sobre os personagens e destruindo o povoado: “[...] os demônios do Alto dos Angicos – os verdes abutres da colina – eram piores e mais ferozes do que os de Almofala, porque entravam na mente do povo e o deixava de mente parada” (Ibid., p. 186). Na *Bíblia* os abutres são vistos como uma abominação, um ser detestável e fonte de impurezas (Lv, 11: 13-19), não sendo ocasionalmente que Alcides Pinto reproduz essa ideia em sua trilogia.

Quanto à figura animalesca do bode, José Alcides Pinto dá outro significado para sua existência. Na aldeia de Alto dos Angicos o animal é revestido de superstição, e não raro o leitor se depara com afirmações como essa: “[...] – Gente

idiota – bufou o padre – só comem carne de bode, por isso são malucos” (PINTO, 1999, p. 29). Em muitos trechos dos romances o consumo da carne de bode é apontado como responsável pela demência que acomete os moradores: “[...] outrora, quando faltou a memória do povo, correu o boato que era devido ao consumo de carne de bode que, por alguns tempos foi o único alimento da comunidade do lugar” (Ibid., p. 246).

No terceiro romance a relação da figura do bode representando o mal aparece de forma mais acentuada: “João Pinto de Maria sempre fora um apaixonado pela criação caprina, talvez porque os bichos não sossegassem um instante, bodejando, pulando, atormentado como o diabo. E João Pinto de Maria era um homem que gostava de tormento” (Ibid., p. 289-290).

Desde a antiguidade se acredita nesta forma de representação demoníaca, em *A Biografia do Diabo* (1996) há uma breve explicação sobre o fato, que se aplica com precisão à maneira como o autor ilustra na *Trilogia*:

Os bodes [...] possuem igualmente um aspecto feroz e provocativo, com seus chifres, barba grande e eriçada, pelo áspero, desordenado, e patas curtas; todo o seu corpo está tão adaptado à deformação e à obscenidade que não se poderia desejar uma forma mais adequada, exterior e interiormente, à forma, cheia de vergonha, horrores e monstruosidades, daquele que escolheu a aparência de um bode (REMY s/d *apud* COUSTÉ, 1996, p. 81).

O ar do tempo é uma das formas da metamorfose do diabo e se configura como a mais nociva, pois está na atmosfera, atuando no ar que os indivíduos respiram, se instalando no seu interior, destruindo de dentro para fora. Transformando a memória dos personagens em esquecimento, fazendo com que os moradores ficassem como “[...] bagaço inútil, de que se extraiu todo o suco” (PINTO, 1999, p. 172).

Desde a antiguidade clássica os cristãos primitivos encaravam a figura do demônio como um ser metamórfico, habitando na atmosfera, povoando o ar. Os cristãos primitivos “[...] tinham a firme convicção de que o ar que respiravam estava povoado de inimigos invisíveis; de inumeráveis demônios, que observavam todos os acontecimentos e assumiam todas as formas para aterrorizar e, acima de tudo, para tentar a sua virtude desprotegida.” (GIBBON, 1989 *apud* SAGAN, 2006, p. 152).

Na trilogia há constantes trechos que afirmam haver “algo” ruim no “ar do tempo” da comunidade, atacando diretamente o ambiente em que as personagens estão inseridas e penetrando no interior de cada uma, como um agente infeccioso ou uma patologia hereditária, desencadeada com a morte do patriarca.

O coronel estava morto, mas o diabo que saíra de seu corpo estava vivo e latente no ar do tempo como um vírus. Podia muito bem estar

agora metido no sangue da comunidade que era constituída do mesmo sangue do coronel, e nesse caso o diabo apenas abandonara um corpo para habitar em centenas deles. (PINTO, 1999, p. 251).



Esta é uma das declarações mais fortes presentes nas obras, pois se entende a natureza da decadência dos personagens, que saem do *status* de “vigorosos” para o de “magote de morrinhas” como não cansa de repetir o personagem padre Tibúrcio.

É interessante perceber como a estranheza da atmosfera afeta diretamente no ambiente em que vivem, porque havia algo de estranho “[...] no ar, penetrando, se movimentando por dentro das partículas, [...] como os resíduos de um vírus latente, de um germe, um vírus perigoso, e que um dia poderia crescer e explodir no espaço como um ovo peçonhento, ameaçando a vida da comunidade” (Ibid., p. 215-216). A existência dos moradores está sob constante ameaça de destruição porque é o castigo que está destinado para todos.

O demônio habita no ar também na forma de vento: “A malta dos *ventos malditos* ladrava aos ouvidos como cães famintos, lobos ferozes.” (Ibid., 1999, p. 87, *grifo nosso*). E como tempestades de poeira: “[...] a nuvem de poeira crescia no horizonte. Uma aurora de cinzas pelo meio da tarde, como um estranho sinal. Se aquilo que preludiava ao longe atingisse o povoado, certamente sufocaria todo mundo. Seria o fim de tudo” (Ibid., 1999, p. 59).

A impetuosidade do espírito demoníaco age utilizando os personagens como seus hospedeiros para a instalação de um espaço infernal e uma vez dentro deles se manifesta sob a forma de uma loucura epidêmica. Nada no povoado parece normal, nas próprias narrativas há a caracterização da aldeia: “[...] uma região diferente do sistema geral do mundo – porque os demônios alteraram a relação existente entre espaço e tempo daquelas paragens” (Ibid., 1999, p. 215).

O próprio autor em entrevista a Nilton Maciel ressalta a extravagância do seu espaço narrativo e suas personagens: “É preciso ler *O Dragão*, meu primeiro romance, para melhor compreender a singularidade daquela gente, uma comunidade esquizofrênica, atacada por um mal de origem” (Literatura-revista do escritor brasileiro, ano XII – janeiro/junho 2003, p.09). Oferecendo assim, aos personagens a desordem para suas vidas onde todos partilham a experiência da existência alucinante onde impera as práticas de uma religiosidade supersticiosa.

Em *João Pinto de Maria – Biografia de um louco* a superstição aparece como algo que estava impregnado na comunidade crescendo a “[...] cada dia mais na cabeça dos homens e das mulheres, transformando-se em loucura” (PINTO, 1999, p. 323). Tomados por um “mal de origem” considerado como uma esquizofrenia, citado pelo autor, alguns personagens padecem de loucura, sendo uma das metamorfoses do diabo:

A loucura parecia ser uma doença comum no povoado. Francisco das Chagas Frota, Nazaré Donato, Messias Lourenço e tantos outros que nem valia a pena enumerar. Parecia ser um mal de origem que atacava a comunidade. Os doidos começavam a aparecer em número maior do que nunca. Com o passar dos anos, em toda a família havia um louco. Da família dos Linhares, Cajazeiras, Rochas, Nunes, Amarantes, Gualbertos, Pastoras, Lourenços, Leitãos, Carneiros, Pintos, Freitas e Ferreiras. Também a loucura se estendia pelos povoados vizinhos – Sapó e Mutambeira – com os Pecados e os Minguelins (Ibid., p. 308).

Grande é a profusão de loucos no povoado como se vê na citação acima, entre esses loucos está João Pinto de Maria. Em *O Dragão* ele aparece tomado por esta loucura em ocasião da seca, acabando por definhar em corpo, espírito e mente: “O calor impiedoso fustigava-lhe o corpo, perturbando-lhe os sentidos, e ele adentrava no mato asfixiante, conturbado, a chamar pelo nome das vacas que a seca liquidara. [...] Coitado a loucura o vencera” (Ibid., p. 82). Essa forma de manifestação demoníaca é tida como epidêmica, porque o mal é comum na aldeia.

Neste terceiro romance o dualismo existente entre Bem e Mal acontece simultaneamente, e essa dualidade se encerra no corpo do personagem principal. Ou seja, “[...] João Pinto de Maria é a encarnação, a um só tempo humana e divina, por onde passam os rituais sagrados e profanos da comunidade, sendo, ademais, uma metáfora das mais distintas sobre a avareza, possivelmente sem paralelo em nossa ficção” (MACEDO, 2012, p. 48). E é a partir da união do divino e do diabólico que a terceira trama da trilogia se desenvolve.

Neto e descendente direto do Coronel Antônio José Nunes, João Pinto de Maria padece do mal sobrenatural comum a todos. Mas o personagem considera a história do passado da aldeia, e “[...] embora João Pinto de Maria zombasse dos caprichos do diabo, não acreditava em abusões, e não precisava, de outra ajuda à sua fortuna senão a que viesse da parte de Deus ou do suor do seu rosto” (PINTO, 1999, p. 274 -275).

O paradoxo desta narrativa acontece no momento em que mesmo não acreditando na figura do Diabo, está fadado à herança maldita. O personagem representa o equilíbrio entre o bem e o mal, possui uma natureza voltada para o divino, mas pertence ao diabólico.

[...] João Pinto de Maria, soldado destemido como Napoleão, um gigante como Adamastor, um ser endemoninhado, batendo no peito com mão aberta, com todas as suas forças, pedindo perdão a Deus de seus pecados, dos pecados de ser justo e não dar a igreja, ajoelhado sobre o chapéu-de-palha, na calçada da igreja, assistindo à missa aos domingos, as calças remendadas nos fundos, como a dos mendigos (Ibid., p. 297).

Durante o romance, João Pinto de Maria é tratado por padre Tibúrcio e os aldeões como homem ruim, avarento que enlouqueceu devido a sua ganância e avareza. No entanto, João pinto é carregado de espírito honesto de temor a deus, mesmo que Padre Tibúrcio e os demais moradores o considerem afilhado do diabo. Desta forma o personagem vai se configurando no decorrer da narrativa como um injustiçado, um mártir.

Um dos episódios mais intrigantes acontece durante o período quaresmal: “[...] a igreja estava cheia de fiéis e carregada de pecados, porque a maioria do povo do Alto vivia da mentira e do roubo de bodes – tantos pecados que o solo chegou a tremer sob os pés da multidão e, em seguida, ouvia-se um estrondo, e o reboco das paredes começou a cair” (Ibid., p. 331). Depois do acontecimento Padre Tibúrcio se volta a João Pinto de Maria a fim de obrigá-lo a custear o conserto da igreja e o humilha na presença da comunidade.

Diante dos escombros da torre e da humilhação sofrida o personagem cai por terra e entra em estado epifânico, permanecendo ajoelhado frente à igreja durante três dias e três noites, como se estivesse morto (metaforicamente) para ressuscitar semelhante ao próprio Jesus Cristo: “[...] três dias com três noites a multidão botou guarda ao corpo de João Pinto de Maria, como acontecera ao corpo de Jesus. E, no último dia, ele não ressuscitou dos mortos, mas de entre os vivos” (Ibid., p. 338).

João Pinto de Maria ao despertar abandonou a sua vida de usurário passou a viver como um louco ou um santo, abandonando seu trabalho e se prestando somente à doação de seus bens. Mesmo vivendo como um “santo” o personagem não pôde fugir do fim ao qual é predestinado, o atavismo, a maldição do sangue do coronel de quem era herdeiro. Porque “ a aldeia de Alto dos Angicos conservava um mistério indevassável, um destino muito estranho, a que todos os habitantes viviam submissos” (Ibid., p. 312). Tal destino faz de João Pinto de Maria o homem bom, “[...] para quem as portas do inferno estariam abertas logo que deixasse o mundo” (Ibid., p. 345).

Esta é a ideia permanente na escrita alcidiana, deixando a forte constatação de que todo o bem não anula o mal feito, ou a transgressão efetuada; construindo maldições que se propaga pelo sangue causando o declínio do ser amaldiçoado em qualquer tempo.

Palavra: o território da maldição

Na construção de *O Dragão* (1964), *Os Verdes Abutres da Colina* (1974) e *João Pinto de Maria – Biografia de um louco* (1974) se percebe um trabalho artístico do autor através de recursos de linguagem, esses recursos acabam por dar expressividade única na composição da maldição e da caracterização do elemento demoníaco. José Alcides Pinto constrói por meio da palavra o território onde habita o insólito e acontecimentos alucinantes.

Por se tratarem de histórias que se passam no mesmo espaço, fica claro o caráter de complementação que uma narrativa tem em relação à outra. Esse caráter de complementação diz respeito à maneira que o tempo é disposto na composição das narrativas. E se completam porque as histórias não obedecem a um trajeto linear, dando a impressão que a história é fragmentada.

Um exemplo disto é o fato de que ao ser iniciada a narrativa de *O Dragão*, verifica-se que o tempo é o presente, mas permite pontes para o passado; seja por meio de recordações ou interrupção do que está sendo narrado no presente para se voltar a acontecimentos pretéritos.

Em *Os Verdes Abutres da Colina* se prioriza os fatos do passado fazendo ponte com o presente e futuro, e em *João Pinto de Maria - Biografia de um Louco* há no presente a remontagem do passado por meio da existência de lendas. Isso acontece porque, no processo de construção do sentido, aparentemente em um romance existem lacunas que o outro é capaz de preencher. Com isso, se pretende dizer que:

É deslocável o presente, como deslocáveis são o passado e o futuro. De “uma infinita docilidade”, o tempo da ficção liga entre si momentos que o tempo real separa. Também pode inverter a ordem desse momentos ou perturbar a distinção entre ele, de tal maneira que será capaz de dilatá-los indefinidamente ou de contraí-las num momento único, caso em que se transforma em oposto do tempo, figurando o intemporal e o eterno (NUNES, 1988, p.25).

A questão temporal é uma ferramenta essencial na composição dos acontecimentos. Pois nos romances da *Trilogia da Maldição* ocorrem sucessivos acontecimentos que confundem normalidade com anormalidade, sendo aqui chamados de sobrenaturais. Esses acontecimentos sobrenaturais possibilitam que as obras em questão, sejam classificadas como Fantásticas, pois acontecem em um ambiente marcado pela permuta entre o real e o imaginário.

O conceito de fantástico utilizado é o de Tzvetan Todorov compreendido como “[...] a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (1981, p. 16). É essa oscilação que os personagens das obras e o leitor partilham no decorrer das narrativas da Trilogia da Maldição, porque o autor escreve

ultrapassando as fronteiras de seu regionalismo aparente, José Alcides cria, aqui, um universo fantástico, cuja terrível grandeza decorre da estranha sugestão de transcendência que, incompreensivelmente, emana do satanismo ali presente ou da rudeza, fanatismo e animalidade de suas personagens e do espaço em que se movem. (MARTINS, 1996, p. 388).

A constatação de Floriano Martins acerca do fantástico na obra de Alcides Pinto contribui para caracterizar o espaço que Pardal (1999) chama de “alucinante”; para ele “[...] o espaço, nas narrativas fantásticas, adquire relevo no texto porque é nele que são encontrados todos os indícios dos fatos insólitos” (p. 30). Existindo, portanto, uma ruptura das regras que regem o curso natural das coisas, “[...] porque os demônios alteraram a relação existente entre espaço e tempo daquelas paragens” (PINTO, 1999, p. 215).

O espaço alcidiano será permeado de personagens pitorescas, povoado por seres sobrenaturais onde as manifestações demoníacas são apontadas como as responsáveis por todos os fatos estranhos, sendo *O Dragão* considerado por Nelly Novaes Coelho (2001, p. 27) como: “[...] a primeira célula do processo romanesco que acabou por transformar o objeto histórico-geográfico do Alto dos Angicos/Região do Acaraú [...] em espaço místico, no qual o “real/natural” é transformado pelo imaginário do poeta em algo “irreal/sobrenatural”.

Na transformação deste espaço real em sobrenatural José Alcides Pinto faz uso de recursos de linguagem que constroem uma espécie de atmosfera de dúvida, em relação aos fatos descritos nas obras. O autor “[...] sempre está construindo tais fatos dando dois caminhos para o entendimento deles, o que deixa a narrativa sempre com uma dupla perspectiva.” (PARDAL, 1999, p. 95). Esse fato fica evidenciado no trecho abaixo: “Tudo estava certo e no mesmo lugar de antes, como se a tempestade de poeira e o incêndio fossem **apenas na mente das criaturas.**” (PINTO, 1999, p. 312, grifo nosso). Essa dupla perspectiva introduz o elemento da incerteza deixando que o leitor decida ou tente desvendar a veracidade dos episódios narrados, cabendo somente a ele aceitar o fato estranho ou o atribuir como uma criação da “mente das criaturas”.

O trabalho com a linguagem na *Trilogia da Maldição* cria imagens muito marcantes emprestando beleza e grandeza às obras, como fala Fausto Cunha em prefácio para a segunda edição de 1964 de *O Dragão*, para ele “[...] algumas páginas deste romance são verdadeiramente extraordinária como linguagem” (PINTO, 1964, p. 12). Há excelência na escrita alcidiana, seja no plano da composição das cenas ou das personagens, por essa razão André Seffrin afirma que “[...] O grande personagem de José Alcides Pinto é antes a sua linguagem, cristalizada no solo mais fértil, aquele que reconhecemos apenas nos grandes escritores: o seu drama íntimo. (in PINTO, 2003, p. 305).

Todo o cuidado na escrita faz com que se perceba nas obras do autor, em especial nessa Trilogia, um trabalho quase artesanal com as palavras e com as figuras de linguagem, ou seja, o que se percebe é “[...] uma engenharia ficcional, por cuja tessitura, perpassa todo um processo de insanidade, maldição, angústia e delírio existenciais, e de restauração de uma problemática regional, por meio de sua dimensão fantástica, vivencial e alegórica” (MACEDO, 2012, p. 50). Esta afirmação, abre margem para se interpretar que a construção da dimensão do fantástico passa pelo processo de figuração, de (re)significação; ou seja, o autor escolhe fazer uso de uma fala alegórica para desenvolver suas tramas.

A definição de alegoria que caracteriza a escrita alcidiana é a desenvolvida por Benjamin (1984), pois observa-se que nas narrativas de Alcides Pinto “[...] através de sua linguagem (nas metáforas do texto, nos personagens que encarnam qualidades abstratas, na organização de cena) a alegoria diz uma coisa, e significa incansavelmente, outra [...]” (p. 38). É desta forma que a todo o momento a alegoria é construída, se valendo de objetos, imagens para ressignificar a natureza das coisas, tecendo cada traço caracterizador do espaço.

Nas mãos de José Alcides Pinto a aldeia de Alto dos Angicos de São Francisco do Estreito é arrancada de seu contexto natural. O autor “mata” a ideia de “pequena povoação” que, por associação, abrigaria moradores modestos; e a eleva a categoria de “reino mais poderoso do mundo”, como aparece em *Os Verdes Abutres da Colina*. Pois,

É assim o mundo literário de José Alcides Pinto : um país onde o ilusório se mistura ao real, onde as coisas carecem de significado e as palavras tecem as imagens mais absurdas. É um universo de contrastes, em que coabitam lado a lado Deus e o Satã, o Bem e o Mal, o macabro e o lírico. Uma região de seres cujas formas nunca se encontram reproduzidas no real, mas que seduzem pelo grotesco e inusitado (MONTEIRO, 1979, p.32).

Em José Alcides Pinto o bem não existe sem o mal, assim como o pecado não existe sem o castigo. Por isso é necessário que se compreenda a natureza do divino que o autor compõe nas obras, pois é através dele que o elemento do demoníaco existe. E assim se constitui o “universo de contrastes” alcidiano, através de uma linguagem “[...] áspera, agressiva e brutal” (BEZERRA, *in* Pinto, 2003, p. 294). A fim de retratar a violência da terra sertaneja, transformando assim, a aldeia no lugar das maldições e das manifestações demoníacas.

As manifestações demoníacas acontecem sob diversos aspectos, revestidos do poder da alegoria, os demônios são dragões, abutres, bodes, a loucura e o próprio ar. Ou seja, se tem um espaço totalmente alucinatório, onde o meio em que as personagens vivem é implacável, repleto de demônios que se metamorfoseiam, amorfos. O demônio alcidiano aparece sob a mesma perspectiva da presença demoníaca relatada em *Grande Sertão: Veredas*.

Bem, o diabo regula o seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças – eu digo. [...] E nos usos, nas plantas, na terra, no vento... Estrumes. ... *O diabo na rua, no meio do redemunho...* [...] E o demo – que é só o significado do azougue maligno – tem ordem de seguir o caminho dele, tem licença para campear?! Arre, ele está misturado em tudo(ROSA, 2001, p.26-27).

Essa é a questão que José Alcides Pinto representa, pois assim como o Divino está em todos os lugares por força da onipresença e onisciência, o Diabólico também está em tudo e de todos os modos. Estando tanto no homem quanto no ambiente, em forma de desastres naturais, através das águas, nas cheias; ou através do sol, nas secas. Porque esse “[...] era o momento em que o tempo manifestava a pequenez do homem perante os ciclos do cosmos, que, por mais que fizesse, a decadência era o único futuro do que pertence ao mundo terreno” (FIRMINO, 2012, p. 147).

José Alcides Pinto a todo o momento nas obras da trilogia evidencia a fragilidade do homem em um mundo violento regido por leis sobrenaturais. Sendo os personagens quase insignificantes quando inseridos no espaço fantástico, onde o autor utiliza-se de uma linguagem de grande força expressiva para retratar um Ceará indomável de natureza implacável.

Considerações finais

Através do trabalho desenvolvido, foi possível concluir que a linguagem alcidiana constrói um espaço sobrenatural alegórico, onde o fantástico é fundamental para o curso dos acontecimentos.

Constatou-se ainda que o tema central das narrativas gira em torno do conflito entre as entidades do divino e diabólico, na perspectiva cristã. José Alcides Pinto usa de comparações, alusões, paráfrases sobre episódios bíblicos na composição das histórias da trilogia. Mas o que desencadeia tal conflito é o fato de os personagens não obedecerem aos mandamentos divinos, caindo sempre em pecado e transgredindo estes mandamentos.

O primeiro transgressor foi o coronel Antônio José Nunes, fundador da aldeia, sendo por meio dele que o pecado entra na aldeia. Com isso, se pôde concluir que em decorrência dos pecados, todos os descendentes do coronel foram destinados à maldição, por meio da consanguinidade.

Deus abandona o povoado para que as desgraças possam acontecer e quem efetiva essas desgraças é a entidade demoníaca, que em diversos trechos das obras assume formas diferentes.

Ao passo que se compreende que o demônio é um ser amorfo, pode-se identificá-lo também sob a forma da loucura que repetidamente aparece nas obras da trilogia analisada: André em *O Dragão*, Francisco das Chagas Frota em *Os verdes Abutres da Colina* e o personagem João Pinto de Maria que aparece no terceiro livro com mesmo título que seu nome, com ênfase para o subtítulo: “*Biografia de um Louco*”, sendo apenas alguns entre outros tantos loucos que aparecem ou são mencionados nas histórias.

A junção de todos esses elementos foi usada para enfatizar que o homem não foge do seu destino, pois é o que acontece a todos os moradores e principalmente

com João Pinto de Maria. No universo alcidiano, construído na trilogia da maldição, repleto de dramas reais, os contornos de grotesco são expostos através da palavra na moldura do fantástico, marcando a personalidade e a competência da escrita do autor.

Notas

1 “o bem e o mal se identificam na última exasperação, os dois são elementos irreconciliáveis e perfeitamente inseparáveis da natureza humana” (Tradução nossa).

Referências

- BATAILLE, Georges. **La literatura y el mal**, Editado por elaleph.com, 2000.
- _____. **O Erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **A Origem do Drama Barroco alemão**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Editora: Brasiliense, 1984.
- BEZERRA, João Clímaco. “Convite, quase prefácio. In PINTO, José Alcides. **Poemas escolhidos**. Rio de Janeiro: Editora GRD, 2003. P. 294.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Tradução da CNBB. 7ª edição. São Paulo: Editora Canção Nova, 2008.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Petrópolis: Vozes, 1993.
- COELHO, Nelly Novaes. **Erotismo – Maldição - Misticismo em José Alcides Pinto**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 2001.
- COUSTÉ, Alberto. **Biografia do diabo: o diabo como a sombra de Deus na história**. Trad. Luca Albuquerque, 2. ed., Rio de Janeiro: Record, 1997.
- CUNHA, Fausto. “Prefácio astuto para leitores maliciosos”. In.: PINTO, José Alcides. **O Dragão**. 2º ed. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1964.
- FIRMINO, Francisco Francijési. **Alegorias da Maldição: a escrita fantástica de José Alcides Pinto e o Ceará (1960-80)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.
- MACEDO, Dimas. **A Face do Enigma: José Alcides Pinto e sua escrita literária**. 2º ed. Fortaleza: Imprece, 2012.
- MACIEL, Nilton. José Alcides Pinto: 80 anos de arte literária. **Literatura: Revista do escritor brasileiro**, Fortaleza, Ano XII, nº 24, p. 07-14, Janeiro a Junho de 2003.
- MARTINS, Floriano. **Fúrias do Oráculo**: Uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto. Fortaleza: Casa de José de Alencar. Programa Editorial, 1996.

MONTEIRO, José Lemos Monteiro. **O Universo Mí(s)tico de José Alcides Pinto**. Imprensa Universitária: Fortaleza, 1979.

NUNES, Benedito. **O Tempo na Narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

PARDAL, Paulo de Tarso. **O Espaço Alucinante de José Alcides Pinto**. Fortaleza: EUFC, 1999.

PINTO, José Alcides. **A Trilogia da Maldição (O Dragão/os verdes abutres da Colina/ João Pinto de Maria – Biografia de um louco)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**, 19^o ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAGAN, Carl. **O Mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. Trad. Rosaura Eicheberg. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

SEFRIN, André. “Um romancista a ser descoberto”. In.: PINTO, José Alcides. **Poemas Escolhidos**. Rio de Janeiro: Editora GRD, 2003. P. 305.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 1981. Disponibilizado pela Digital Source.

Para citar este artigo

OLIVEIRA, Ana Tamires da Silva. As manifestações demoníacas na Trilogia da Maldição, de José Alcides Pinto. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 7., n. 1., JAN-JUN, 2018, p. 88-106.

A Autora

Ana Tamires da Silva Oliveira é mestranda em Literatura Comparada pelo PPGL da Universidade Federal do Ceará. Desenvolve pesquisa a cerca da obra do escritor cearense José Alcides Pinto.